



GT 35. Entre arte e política: articulações contemporâneas em pesquisas antropológicas

Coordenador(es):

Vitor Pinheiro Grunvald (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Glauco Batista Ferreira (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Em continuidade às reflexões desenvolvidas em Grupos de Trabalhos nas Reuniões de Antropologia do Mercosul e em Simpósios de Pesquisas Pós-Graduandas nos Encontros Anuais da ANPOCS, este grupo de trabalho se foca nas relações entre arte e política, pensando-as a partir dos diferentes modos pelos quais as articulações entre estas esferas se engendram de modos distintos e se expressam nos cenários sociais contemporâneos. Pensar a arte em seus efeitos políticos e refletir sobre a política através de ações, de objetos, de imagens e performances artísticas tem sido uma constante em diferentes pesquisas realizadas no campo das ciências sociais e especialmente no campo antropológico nos últimos anos. Propomos acolher investigações que refletem sobre agências através de imagens, materialidades, objetos, trabalhos realizados a partir de performances e de expressões e práticas corporalizadas, de práticas de organização coletiva e de ações e mobilizações sociais que apontam o rico potencial transformativo dessas formas sociais que são ao mesmo tempo artísticas e políticas. Dessa maneira, incentivamos a submissão tanto de trabalhos que problematizam as relações entre arte e política em suas intersecções com marcadores sociais da diferença quanto pesquisas que exploram como as maneiras pelas quais a prática etnográfica se dá nos interstícios de práticas artísticas.

Movimentando corpos, produzindo estéticas: a cena preta LGBT a partir de conexões transnacionais

Autoria: Bruno Nzinga Ribeiro (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Na interface das pautas pelos direitos das populações negras, LGBT e periféricas a ?cena preta LGBT? emerge no Brasil em meados da década de 2010 por meio de um conjunto de relações e de iniciativas como festas, debates, oficinas de dança, sessões de discotecagem, cursos livres, espaços de sociabilidades digitais (grupos nas redes sociais) e eventos de ballroom-voguing organizados por pessoas negras LGBT artistas e produtoras culturais que se reúnem em coletivos. Tal cena se tornou referência político-artística por proporcionar lugares de sociabilidade e debate para pessoas negras LGBT, mas também por constituir o corpo e a experiência como territórios do fazer político, alçando a dança e a estética como elementos fundamentais na luta por direitos e contra ?todas as opressões? (ZANOLLI, 2020). Este processo é acompanhado pela reivindicação de um amplo conjunto de referências negras e LGBT que aglutina artistas, ativistas e saberes que colocam sob rasura narrativas oficiais e reafirmam a presença negra nas lutas sociais- a exemplo, a reivindicação de figuras como Xica Manicongo, Jorge Lafon, Madame Satã, Marsha P. Jhonson, Marielle Franco, Luana Barbosa, Matheusa, Crystal Labelija e outras . Me interessa compreender como os discursos constituídos e constituidores desta cena se expressam a partir da estética e dos corpos das sujeitas e sujeitos, como se produzem classificações, prestígios, relações com o mercado, e redes nacionais e transnacionais. Com análises ancoradas em produções do campo de estudos de gênero e sexualidade, com foco nos estudos interseccionais, e no material dos works de campo realizados no âmbito da pesquisa de mestrado em São Paulo e numa pesquisa de estágio no exterior em Nova York, pretendo partilhar reflexões sobre a transnacionalização desta cena preta e LGBT, tomando os fluxos e trânsitos de pessoas, obras e referências estéticas, organizacionais e de atuação política como foco desta comunicação.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: